

Marcos Antonio de Moraes*

SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Caixa modernista*. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

Em um olhar retrospectivo sobre as publicações que recuperam textos da fase “heróica” do modernismo brasileiro (1922-1929), constata-se a relevância dos lançamentos editoriais ligados à comemoração do cinquentenário da Semana de Arte Moderna, em 1972. Naquela ocasião, três livros buscaram suprir a carência de documentos de fonte primária, favorecendo novas formulações críticas: *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, valiosa coletânea de manifestos modernistas traduzida e anotada por Gilberto de Mendonça Teles, *Brasil: 1º tempo modernista - 1917/29*, alentada “documentação” reunida por Marta Rossetti Batista, Telê Ancona Lopez e Yone Soares de Lima, sob a chancela do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e a edição fac-similar da revista *Klaxon* (1922-3), realizada pelo bibliófilo e empresário José Mindlin. As três obras permitiram que se captasse, em profundidade, a dimensão da vida cultural do período, para além da interpretação *tout court* dos livros modernistas. Deram continuidade à pesquisa pioneira de Mário da Silva Brito, *História do modernismo brasileiro I. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, publicada em 1958.

Nas décadas de 1980 e 1990, férteis em estudos beneficiados por essas edições, emergiu, em mais de uma dezena de livros, o consistente projeto epistolar de Mário de Andrade. Essa correspondência, cuja capacidade de refletir as diversas faces do movimento modernista já estava patente na edição das *Cartas a Manuel Bandeira*, em 1958, somente tornou-se objeto de maior interesse nos estudos literários brasileiros quando a “moda” estruturalista perdeu a força. Percebeu-se que a epistolografia de Mário de Andrade, tão abrangente quanto extensa, trazia elementos originais não apenas para

* professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

se compor a biografia do escritor ou documentar o processo de criação de suas obras, como também para se avaliar linhas de força dentro do movimento de vanguarda, documentar influências, debates e intervenções a partir dos “bastidores”, isto é, do espaço privado. Conjugando-se agora o potencial da correspondência com as obras editadas e a fervilhante vida literária espelhada nos periódicos, pode-se explorar com bastante proveito a dialética do público e do privado, percebendo os dois lados da tapeçaria do modernismo.

Sob essa ampla perspectiva de apreensão do movimento modernista brasileiro, percebe-se melhor a importância e a singularidade da *Caixa modernista* organizada em 2003 pelo professor de Literatura na Universidade de São Paulo, Jorge Schwartz. Trata-se, de fato, de uma caixa grande (38 x 30 x 2,5cm), de papel *kraft*, mostrando em seu rótulo a capa estilizada do livro de poemas de Mário de Andrade *Paulicéia desvairada* (1922). Aberta e desdobrado o conteúdo em forma de tríptico, o leitor depara-se com objetos heterogêneos, cuidadosamente acomodados. “Uma caixa encerra sempre enigmas”, explica o idealizador do projeto no texto de apresentação. E o leitor, diante dessa “síntese caleidoscópica” que é a *Caixa modernista*, aceita participar de um ato lúdico, tirando daqui e dali livros e catálogos impressos em fac-símile, um CD de músicas, reproduções de quadros etc. Logo, ao prazer da surpresa soma-se o desejo do observador de encontrar razões para compreender o objetivo da empreitada ou o critério que norteou a escolha dos documentos para configurar o conjunto. Mas, será tarde demais para interrogações desse naipe, pois o jogo da amarelinha cortaziano já se impôs.

Há liames visíveis – confirmados pela própria contiguidade dos documentos – unindo, por exemplo, o programa do segundo dia da Semana de Arte Moderna ao datiloscrito original conservado pelo mecenas Paulo Prado, no qual se entrevê o primeiro momento da idéia levada a cabo. Da mesma forma, os livros presentes na caixa, *Paulicéia desvairada* de Mário de Andrade e *Pau Brasil* (1924) de Oswald de Andrade, explicitam duas etapas do ideário modernista, a saber, o acerto de ponteiros com as técnicas das vanguardas européias que marca primeiro volume, e a busca de uma poesia nacional a partir da incorporação das conquistas expressivas do modernismo, no livro de Oswald. O encarte do CD “Música em torno do Modernismo”, produzido por José Miguel Wisnick e Cacá Machado, esclarece as relações entre *Yara*, xote de Anacleto de Medeiros composto na década de 1880 e o aproveitamento erudito desse tema nos *Choros n. 10* (1926) de Heitor

Villa-Lobos, fundamentando o trânsito entre a expressão musical popular e o experimentalismo da vanguarda.

Em outra direção, são inúmeras as combinações interpretativas possíveis deixadas a cargo do leitor perspicaz. Tomando por caminho a questão da “língua brasileira”, central nas discussões dos anos de 1920 na literatura brasileira, despontam as reflexões do “Prefácio interessantíssimo” de *Paulicéia desvairada* (“Pronomes? Escrevo brasileiro. Se uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia.”) e da “Falação” do prefácio-manifesto de *Pau Brasil* (“A língua sem arcaísmos. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros.”). O assunto reaparece no poema “Vício na fala” de Oswald e em uma resenha do *Livro de poemas* de Jorge Fernandes, assinada por Alcântara Machado, no primeiro número da *Revista de Antropofagia* etc. Há, nesse sentido, uma proposição didática na *Caixa modernista*, ao incitar no leitor uma compreensão não linear das propostas da vanguarda nacional, por meio de um conjunto de elementos textuais e visuais paradigmáticos.

Inovando, essa *box-art* sublinha a importância do processo de criação da obra de arte, afinando-se com as atuais indagações da Crítica Genética. Como a obra acabada elide as escolhas feitas pelos pintores ali representados, a *Caixa modernista* propõe uma estratégia para que se possa fruir também um pouco do trajeto criativo deles. Assim, *A negra* ou *A caipirinha* de Tarsila do Amaral, reproduzidas em postais, em “formato sanfona”, trazem a tela “definitiva” na parte superior e, nas dobras, os esboços e as versões preliminares. Essa justaposição ao mesmo tempo em que assinala o caráter dinâmico da criação, humaniza o procedimento artístico.

Como são muitas as peças deste “museu portátil”, o jogo de combinações multiplica-se: o nacionalismo cheio de humor, que viceja na capa de *Pau Brasil*, alcança, sem essa nuance crítica, porém, os frontispícios de *Vamos caçar papagaios* (1926) e *Martim Cererê* (1928) de Cassiano Ricardo; o anúncio do filme *São Paulo – a Sinfonia da metrópole* vincula-se à arquitetura revolucionária da “casa modernista” de Warchavchik. A reprodução fotográfica da famosa escultura *Cabeça de Cristo* de Victor Brecheret associa-se a *Paulicéia desvairada*, como testemunha Mário de Andrade em “O movimento modernista” (1942):

[...] afinal pude desembulhar em casa a minha *Cabeça de Cristo*, sensualissimamente feliz. Isso a notícia correu num átimo, e aparentada [...] invadiu a casa pra ver. E pra brigar.

[...] Onde se viu Cristo de trancinha! [...] Fiquei alucinado, palavra de honra. Minha vontade era bater. [...] Depois subi para o meu quarto [...]. Me lembro que cheguei à sacada [...]. Ruídos, luzes, falas abertas subindo dos choferes de aluguel. Eu estava aparentemente calmo, como que indestinado. Não sei o que me deu. Fui até a escrivaninha, abri um caderno, escrevi o título em que jamais pensara, 'Paulicéia desvairada'. O estouro chegara afinal [...].¹

Pela ousadia deste projeto editorial que suscita a efetiva interação do leitor, pela instigante possibilidade de múltiplas leituras e pelo destaque dado ao processo de criação, a *Caixa modernista* afirma-se, certamente, como mais um marco na bibliografia do modernismo brasileiro.

¹ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972. p. 233-4.